

FICHA TÉCNICA

facebook.com/manuscritoeditora

© 2017

Direitos reservados para Letras & Diálogos

Uma empresa Editorial Presença

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

Título original: *Isabel de Aragão — Entre o Céu e o Inferno*

Autora: *Isabel Stilwell*

Copyright © Isabel Stilwell, 2017

Copyright © Letras & Diálogos, Lisboa, 2017

Pesquisa histórica: *Ana Cristina Pereira*

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Capa: *C&PDesign*

Imagem da capa: © Michael Trevillion/Trevillion Images

Fotografia da autora: © José Sérgio

Paginação, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

ISBN 978-989-8818-86-7

Depósito legal n.º 422 374/17

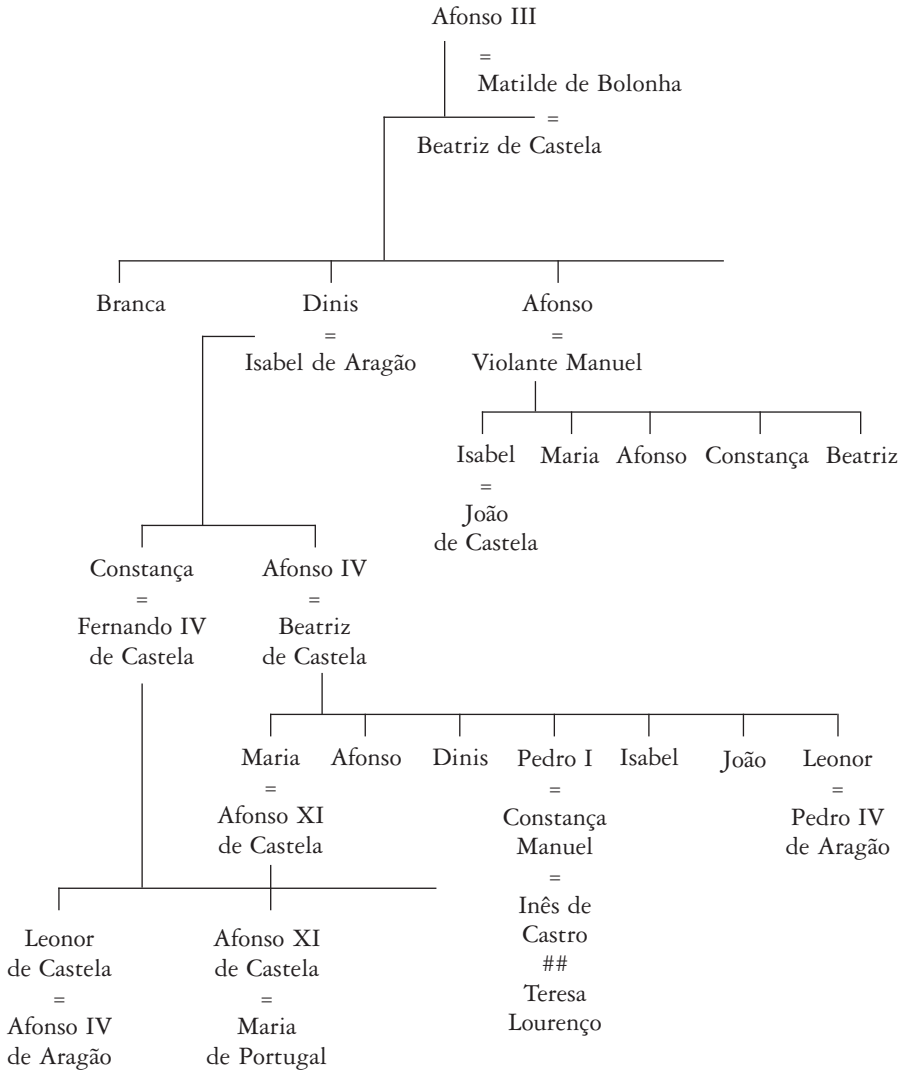
1.ª edição, Lisboa, abril, 2017

ÍNDICE

Árvores Genealógicas

Casa de Portugal	11
Descendência de D. Dinis	12-13
Casa de Castela	14
Casa de Aragão	15
I PARTE (1275-1282)	21
II PARTE (1284-1313)	129
III PARTE (1317-1325)	369
IV PARTE (1325-1336)	443
Epílogo	512
<i>Dramatis Personae</i>	516
Fontes e bibliografia	524

CASA DE PORTUGAL



Mosteiro de Santa Clara e de Santa Isabel, primavera de 1330

Passou o dedo suavemente pelas letras, gravadas a ouro na arca tumular, percorrendo-as como se as escrevesse. Quando a ponta do indicador sentiu a última perna do longo A suspirou, satisfeita — ELISABELA.

Os primeiros raios de sol daquela manhã de primavera, coloridos pelos vitrais, lambiam de luz aquela imagem de si que meticulosamente mestre Pero recriara sob as suas ordens, jacente de que um dia se fecharia selando-a no túmulo.

Não tinha medo, a morte já não lhe metia medo, estaria pronta quando chegasse a sua hora, sem pressa, mas sem receio. Quase sem receio, corrigiu.

Apoiou-se sobre o bordão de peregrina que o arcebispo de Santiago de Compostela lhe oferecera, e que os joelhos de uma mulher de 60 anos já não dispensavam, e observou-se como quem vê o seu reflexo num espelho: vestida com o hábito das clarissas, que usava desde a morte do marido há cinco anos, o cordão de seis nós a cingir-lhe a cintura, o bordão idêntico ao que segurava nas mãos.

Decididamente era alta, mas embora os ossos não a deixassem esquecer a passagem dos anos — e a humidade deste lugar quase mergulhado no Mondego não ajudava —, as costas mantinham-se direitas, sem sinais de corcunda, num corpo que alargara, apesar dos jejuns. Dez centímetros mais alta do que Dinis, que surpresa fora aquando do primeiro encontro, que embaraço, desconhecendo então que nada nem ninguém desconcertava o rei de Portugal, tão seguro de si, tão cheio de vida e força, tão disposto a amá-la... a ela e a todas as outras, pensou. Onde tudo isso já ia, Dinis sepultado em Odivelas, ela, por escolha sua, aqui em Coimbra, neste mosteiro que criara quase de raiz. Quanta má-língua houvera a esse respeito, mas que lhe importava isso agora.

Circundou o jacente para observar mais de perto a esmoleira, pendurada no cinto, deixando ver, como que à transparência, o contorno dos maravedis

de ouro que continha. Fora clara também nesse ponto: os que viessem depois dela não se podiam esquecer de que quem tem, dá. Quem manda, serve.

Os olhos ameaçaram humedecer, mas Isabel tossicou para afastar a emoção. Sempre que se recordava do avô Jaime, de joelhos no chão a beijar os pés aos pobres que acorriam à alcáçova nos dias santos, estremecia. De admiração e de saudade.

Também a ela havia quem lhe chamasse santa, gente saía ao caminho, de mão estendida, procurando tocar-lhe o pano do hábito, como se esperassem um milagre. Suspirou, com impaciência, rodando o corpo para observar de novo a sua réplica.

Cobrira o hábito negro com um manto, debruado a ouro, e por cima do véu soqueixado uma grinalda de ouro simples, sem pedras preciosas nem a glória que fora sua durante quarenta e oito anos, e que passara com orgulho para a rainha Beatriz, sua nora, sua filha, que outra coisa pode ser uma criança que se cria desde os quatro anos!

Não abdicara da coroa. Não nos podemos apresentar a Deus e aos homens como aquilo que não fomos, aquilo que não somos, não podia renegar a missão que Ele lhe confiara: o seu destino era o de infanta de Aragão, rainha de Portugal, escolhida por Deus, aclamada pelo povo.

Passou a mão pelo pescoço, como que lembrando o colar feito com as safiras, os topázios, os rubis, as esmeraldas e as pérolas que o avô Jaime lhe deixara, cada uma com força própria capaz de curar e de afastar perigos. Guardava-o desde há muito para os partos das suas damas, que o seguravam entre os dedos ou os dentes, afastando dali Belzebu. Vira tantas mulheres perder a vida, ricas ou pobres, o Diabo pouco se importava, na ânsia de roubar uma nova luz que vinha ao mundo.

Benzeu-se.

Vataça, princesa bizantina, prima-irmã, sombra sua desde a infância, contara-lhe que ouvira uma das noviças sussurrar às outras que no túmulo da rainha havia mais escudos com as armas de Aragão do que de Portugal. Chamara-a, e a pobre tremera como varas verdes, pedindo-lhe perdão. «Não se trata de perdoar, o perdão é para Deus e para o teu confessor. Chamo-te aqui para te ensinar», dissera-lhe. Nada ali estava por acaso: oito escudos, mais de Aragão certamente, porque era aragonês o seu sangue, porque era ali que residiam as suas raízes, fora aquele o primeiro mar que lhe enchera os olhos, as primeiras cítaras que escutara, naquelas catedrais que recebera pela primeira vez o corpo de Cristo, onde pela primeira vez se confessara e recebera a absolvição dos seus pecados. Apontara-lhe o escudo do império, e perante a perplexidade da rapariga contara-lhe: é o da minha mãe, Constança da Sicília, neta de Frederico II de Hohenstaufen, mas sem lhe dizer como a amara e como sofrera ao afastar-se dela, para nunca mais a voltar a ver.

Dissera «sim» a Dinis, por voz própria, mas em obediência à vontade do seu pai, à vontade de Deus. Como Lhe obedecera de novo, deixando a sua própria filha partir...

Sentiu-se subitamente cansada. Procurara paz no paço anexo a este convento, mas a paz parecia nunca chegar. Vataça criticava constantemente o seu filho e único varão Afonso, dizia-o demasiado bravo, demasiado conflituoso, incapaz de dar a outra face. Ela protestava, melhor filho uma mãe não podia ter, mas era certo que a ouvia com inquietação.

Não queria pensar em Afonso. Estava aqui em frente ao altar, na véspera da consagração desta igreja que mandara construir, para observar a sua obra, para se olhar de fora, num exame de consciência feito a partir do dia em que nascera em Saragoça. Quem o visitasse, entenderia o desafio: não é só no resguardo de um mosteiro que podemos servir a Deus.

Talvez, lá de cima, também o Altíssimo encontrasse neste túmulo que construía como uma oração a súplica do que, em final de vida, tinha para Lhe dizer de si mesma. Desejava com fervor, mas de olhos bem abertos, que servisse de salvo-conduto para a vida eterna.

Isabel voltara ao ponto de partida, às letras que compunham o seu nome. Estacou, olhando as solas dos sapatos que a imagem de si calçava, quase cobertos, mas só quase, pela bainha dourada do hábito. Vataça troçara dos sapatos.

— As clarissas andam descalças, ou quando muito com sandálias, que sentido fazem esses sapatinhos pretos?

Baixara a cabeça por segundos, sentindo-se acusada do pecado da vaidade, mas levantara-a de novo, e olhando-a nos olhos disse:

— Sou rainha de Portugal e princesa de Aragão.

A princesa Láscaris segurara-lhe na mão e beijara-a, sorrindo:

— Mais do que isso, Isabel, és santa. Uma santa vaidosa, mas Deus há de preferir santas vaidosas às que cometem o pecado maior de fingir que não o são.

Corara. Mas a troça de Vataça era como um bálsamo, num mundo em que todos lhe diziam o que julgavam que desejava ouvir, até o seu confessor. Além de que a gargalhada de Vataça lhe trazia de volta o barulho das ondas a bater contra a areia da praia de Tarragona. Nem sempre fora assim. Aos seis anos, menina do avô, sem que ninguém a tivesse alguma vez contradito, estranhara a acutilância da menina que, de um dia para o outro, passara a fazer parte do seu dia a dia, e que não se dobrava nem em salamaleques, nem em subserviências.

Querida Vataça, melhor amiga, segunda mãe da sua filha, a mulher em quem mais confiava, que quase perdera, para de novo a ganhar, mais próxima do que nunca.

«Não tens medo de ficar aqui? Nas madrugadas em que nem estas paredes grossas vão conseguir impedir a neblina molhada de te rodear?», quisera saber. Percebia o que lhe perguntava. Sim, tinha medo do frio do Purgatório, essa língua de areia sem fim, que seria obrigada a percorrer, arrastando os pés, a cada passo resgatando os seus pecados. Pecados secretos que só ela conhecia... Mas nem a Vataça falaria deles.

Contava com a intercessão dos santos que chamara ao seu sepulcro, Santa Clara, Santa Catarina, Santa Isabel da Hungria, de quem herdara o nome, o mais santo de todos eles, São Francisco, o exemplo que seguira a vida inteira com tanta devoção.

Inclinou-se e beijou o anjo de asas do azul de um anoitecer de verão, no regaço um lençol branco que envolvia um bebé de braços estendidos para o alto. «Sou eu. É a minha alma. Senhor, leva-a direta ao Céu», pediu.

Subitamente, o ranger de uma porta sobressaltou-a.

— Senhora D. Isabel, vinha à sua procura. Vamos continuar o nosso trabalho? — disse Frei Salvado Martins, seu querido confessor e testamenteiro.

Isabel acolheu-o com um sorriso largo que se estendia aos olhos, a que a idade não tinha roubado a cor.

— E se hoje nos sentássemos lá fora? — perguntou, apontando para os bancos de pedra do jardim aquecidos por um sol de primavera.

Há semanas que tomara a decisão de, tal como o avô Jaime, ditar as suas memórias, para que os outros pudessem aprender com os seus acertos e erros, com o seu exemplo... Quantas vezes o avô lhe dissera que havia de chegar a sua vez, e esse tempo era agora, estava certa disso.

Olhando de soslaio para a arca tumular e apontando para o livro de horas, sorriu para o frade:

— Devia ter pedido a mestre Pero que incluísse o *Livro dos Feitos* de Jaime I de Aragão, que li e reli quase tantas vezes como os Evangelhos.

Frei Salvado retribuiu-lhe o sorriso:

— Como um dia os seus netos e bisnetos vão ler e reler a história da sua vida extraordinária, saiba eu contá-la...

Isabel inspirou fundo, satisfeita, abrindo a porta e saindo para o jardim.

I PARTE

(1275-1282)

«Na altura em que nasceu havia uma enorme discórdia entre D. Jaime e o infante D. Pedro, seu filho, pai desta D. Isabel, a tal ponto que o rei não queria ver o seu filho, nem nenhum dos seus filhos. No entanto, D. Jaime escolheu ver esta D. Isabel e criava-a e amava-a muito, dizendo, por vezes, que a sua neta havia de ser a melhor mulher que saía da Casa de Aragão.»

(Relação da Rainha)

Palácio Real de Barcelona, março de 1275

— **A**vô, e se o meu pai contratou um desses criados para lhe cortar a garganta? — perguntou Isabel, sentada no banco alto onde, todos os dias, desde que se lembrava de si, assistia às abluções matinais do rei.

A voz suave de menina de cinco anos não estremeceu, apesar da enormidade da pergunta, nem uma sobancelha subiu mais alta do que a outra, nem se alterou a respiração.

Impávida ela, porque as mãos do pobre criado tremeram tanto que quase entornou a taça de prata com água aquecida que segurava junto da cara do senhor seu rei, e agitado, o barbeiro afastou a navalha afiada da pele do seu senhor, gaguejando um protesto.

Mas foi a gargalhada de Jaime I, rei de Aragão, que, como um sopro de vento, agitou a tapeçaria que cobria as paredes, fazendo tremelicar as chamas das velas que iluminavam o quarto, a esta hora da manhã ainda escura.

— Não me admirava nada — retorquiu divertido, puxando para o lado o mandil que tinha ao pescoço, um avental de linho e seda, fechado no decote com cinco botões de ouro.

— Também foi raptado como eu, não foi, avô? Mas Deus Nosso Senhor salvou-o. Lê-me outra vez a sua história?

Jaime sorriu-lhe, sorria-lhe sempre, fascinava-o aquela neta de olhos tão verdes como os seus, que preferia ficar sentada a conversar, ou a ouvir filósofos e teólogos, do que a brincar com as bonecas que lhe trazia de cada viagem.

Mas fingiu protestar:

— Achas que, com a cara ensaboada, um bárbaro a puxar-me os cabelos e outro a enrolar-me a barba como se fosse uma trança de menina, sou capaz de te ler histórias? Além disso, já as conheces de cor!

Isabel não desistiu. Sabia que lhe bastava insistir, sabia que o avô lhe fazia todas as vontades, pelo menos era o que lhe dizia a sua ama Berengária, era o que ouvia comentar tanto em voz alta como em voz baixa às damas da corte. Às mulheres e aos homens, confirmou para si mesma.

«É a única que leva o rei a esquecer o colo das mulheres», sussurravam, e ela não sabia bem o que faziam esses colos, capazes de levar o rei a esquecer-se de sair para a caça, ouvir ministros ou mesmo fiscalizar o dinheiro que saía e entrava no grande cofre, mas intuía que ao desviá-lo deles merecia louvor. Pelo menos os conselheiros sorriam-lhe com aprovação, quando passeava de mão dada com o avô no jardim, e queria crer que até o confessor do avô lhe piscava o olho do altar, quando assistia com ele à santa missa.

Afligia-se que pecasse. Porque quem peca muito, e com a vontade com que aparentemente o avô pecava, acaba no Inferno, um lugar no coração da terra de onde os danados nunca voltam a sair.

Isabel endireitou-se no banco e voltou à investida. Negociou:

— Avô, eu espero.

E tirando do cinto uma bolsa cheia de contas brilhantes começou a enfiá-las num fio de seda, uma a uma, tão absorta que nem deu pela sala se ter esvaziado de gente, nem pelo avô que já pronto se aproximava.

— És muito teimosa, não sei a quem saís! — disse-lhe, beijando-lhe a cabeça e apertando-a nos braços, levando a que a princesa deixasse cair o que fazia.

— Avô! — reagiu zangada. — Agora espalharam-se as contas, e quem é que as apanha?

O rei estalou os dedos e como que do nada surgiu uma rapariguinha moura, não muito mais velha do que Isabel, que pondo-se de gatas recolheu as pequenas peças de vidro colorido e brilhante.

Isabel agradeceu-lhe e dando a mão ao rei perguntou de novo:

— Lê-me a minha parte?

O rei fez uma careta:

— Afinal queres é ouvir falar de ti? Nem penses, primeiro leio-te a minha história.

— Avô, conta-me outra vez como foi arrancado, ainda era só um bebé de meses, à sua mãe e feito prisioneiro do assassino do seu pai?

Jaime concordou, satisfeito. Melhor do que memórias escritas a tinta são aquelas que deixamos no coração dos que nos sucedem, pensou.

Isabel não o deixou muito tempo absorto em pensamentos:

— A sua mãe não lutou para que voltasse para ela? E os nobres e os bispos não atacaram Simão de Monforte para o resgatar?

— Claro que sim, escreveram ao papa Inocêncio todos os dias, até que o papa ordenou que me devolvessem aos meus súbditos — explicou

o rei, e, olhando a neta, hesitou. Será que tinha idade para que lhe contasse o que diziam as primeiras folhas do seu *Livro dos Feitos*, falar-lhe de como o seu pai odiava a sua mãe, ao ponto de se recusar a consumir o casamento? Que fora gerado por meio de um logro, quando os fidalgos preocupados com a falta de um herdeiro convenceram o rei de Aragão de que a mulher deitada na penumbra do quarto era mais uma barregã? Cerrou os punhos com força. Estava seguro de que era mentira, uma reles calúnia de quem quisera diminuir o seu pai, o quisera diminuir a ele.

Isabel refilou:

— Porque é que me está a apertar a mão com tanta força? — Para rapidamente acrescentar, com ternura: — Não gosta de se lembrar de que depois disso continuou preso mais seis anos em Monzón, é isso?

O avô sorriu-lhe. Decididamente esta rosinha de Aragão não merecia ouvir o lado sórdido da sua vida e, afinal, que pressa havia? Mais tarde saberia tudo porque deixaria tudo escrito na sua biografia. Alegrou a voz para lhe responder:

— Rosinha, em Monzón não foi prisão, queriam proteger-me até que os nobres se entendessem a meu respeito. — E, mudando de novo de humor, rosou: — Nunca acredites nesta gente, Isabel, coloca-te sempre acima deles. Negoceia com justiça, mas não cedas. A inveja é o maior dos pecados e quanto mais ricos e mais poderosos mais invejosos. Corta o mal pela raiz. Vão dizer-te que lhes devemos a coroa, mas é mentira, as coroas de Aragão, da Catalunha, de Maiorca e de Valência conquistei-as eu, pela graça de Deus.

Estacou e, baixando-se ao nível dos olhos da neta, segurou-lhe no queixo e insistiu:

— Aos seis anos fui jurado rei nas Cortes de Lérida e quatro anos depois aragoneses e catalães declararam-me maior, mas sabes quanto tempo estive em guerra com os nobres que me juraram servir? Quinze anos, Rosinha. E os piores, os que me pregaram os truques mais rasteiros, eram da minha própria família. Cuidado com a família. Quanto mais perto do poder, maior é a ambição.

Isabel abria os olhos, num esforço enorme por memorizar tudo o que o avô lhe dizia.

— Foi por isso que me trouxe de Saragoça? E é por isso que não fala com os seus filhos? — perguntou com súbita aflição.

Jaime deu uma gargalhada:

— Não, minha querida, trouxe-te comigo porque sou um homem de paixões e tu eras mágica, a melhor de todas as rosas de Aragão.

Isabel gostava que o avô lhe chamasse Rosinha, «a mais bonita Rosa de Aragão», mas por vezes sentia o peso de todos estes elogios:

— Avô, não é vaidade quando é verdade, pois não?

Jaime impacientou-se:

— Mudo-te já o confessor se sei que te andam a meter ideias na cabeça. Se Deus te fez bela, pecado era não o reconhecer! Mas não era a tua história que querias ouvir? Vamos lá ver o que escrevi sobre ti.

Isabel olhava-o cheia de admiração. Era o homem mais bonito que alguma vez conhecera, tão alto que quando se encostava a ele parecia uma tília gigante, mais alto do que qualquer outro homem que conhecia, o nariz direito e longo, a boca bem desenhada, os lábios cheios. Mas do que mais gostava era do cabelo, que, ao sol, parecia da cor das panelas de cobre areadas com limão e areia fina da praia de Tarragona e que caía sobre os ombros largos e os braços tão fortes que não duvidava de que tivesse morto muitos infieis com as suas próprias mãos, como tantas vezes se gabava.

— Ouve o que ditei ainda ontem ao meu pobre secretário, até já não haver vela no castiçal.

— Acabou a minha história — entusiasmou-se Isabel, subindo de novo para um banco do *scriptorium*.

— A tua história? Na medida em que é a minha, sim. Este livro é sobre os feitos de Jaime I, mas estou certo de que há de chegar o dia em que mandarás escrever uma sobre ti própria.

Isabel olhou-o interessada. Os evangelistas tinham escrito a vida de Jesus Cristo, contar ou mandar registar a nossa história como Ele fizera não seria soberba? Atreveu-se a perguntar.

O avô voltou a franzir o sobrolho, mas desta vez a pele clara tornou-se vermelha, impaciente.

— Como podem os que vêm depois de nós saber a história do reino onde nasceram, das lutas, ganhas e perdidas, dos erros cometidos, para não os cometerem de novo? Se cada vida não fica escrita, perde-se, não serve a ninguém. Ouve, Isabel, escuta...

E na voz rouca de um trovador bem ensaiado começou a ler:

«No escuro de uma noite de janeiro, o meu corpo não descansava na cama, agitava-se o meu espírito e o coração batia com tanta força que o escutava nos ouvidos, como um tambor que toca a rebate para o início de uma batalha. A grande cruzada naval destinada a conquistar Jerusalém falhara, obrigada por tempestades a retornar ao porto de Barcelona. Como me custou desistir, voltar para trás, deixando que o meu nome fosse motivo de troça e de maledicência. Em Roma, os meus inimigos congratulavam-se, eufóricos, envenenando ainda mais o papa contra mim, dizendo-lhe que Deus levantara uma muralha intransponível para que um homem de pouca virtude, como o rei de Aragão, não pusesse pé junto do sepulcro de Nosso Senhor. Outros

diziam apenas que o rei estava acabado, perdera a arte e devia dar o lugar aos que vinham depois dele. E era velho que me sentia, mas nem por um momento disposto a abrir mão dos reinos que conquistei e uni.

Fechei-me no paço numa enorme melancolia, mas a terra não deixa de girar só porque fechamos os olhos. Cá fora, à luz do dia, os meus filhos disputavam-se, como cães por um osso. E o osso era eu.

Zanguei-me com os meus filhos Pedro e Jaime, que, por momentos, esqueceram as suas desavenças, para abrir frente contra o meio-irmão Fernando Sanches. “Bastardo, sim, mas tão filho meu como qualquer um de vocês”, gritei-lhes, quando me vieram pedir que o mandasse prender, jurando que se preparava para invadir as minhas terras e roubar-me o trono. Recusei-me sequer a ouvir tais disparates, de quem sempre me servira tão bem. E disse-lhes: “Abram os olhos! São os nobres que vos manipulam aos três, desejosos de ficarem com os despojos das vossas batalhas.” Meus Deus, já perdi o meu primogénito Afonso, que nunca me perdoou, não quero perder mais.

Mas Pedro não me deu ouvidos e, virando-me as costas, pegou na mulher, Constança, e nos filhos e foi daqui para Saragoça, com toda a corte de um príncipe herdeiro e de uma rainha da Sicília. Que fosse, disse-lhe eu. Tanta inveja e cobiça, feitos Caim e Abel. Aprenderia à sua própria custa. Não o chamei, nem lhe pedi que regressasse, e passei o Natal mais triste de sempre.

Mas naquela noite, naquela agitação sem nome, escutei a voz da minha querida Violante, a mulher que mais amei, conselheira e mãe dos meus nove filhos...»

— O avô ouviu a voz da avó Violante? — perguntou subitamente a neta.

Jaime encolheu os ombros, impaciente:

— Isabel, não interrompas, as histórias escutam-se até ao fim.

— Avô, eu estava a ouvir, mas depois o avô disse que...

Jaime silenciou-a com um gesto da mão:

— Sim, ouvi a voz da tua avó, da mãe do teu pai, Violante da Hungria, irmã da Santa Isabel a quem tomaste o nome. Agora podemos continuar?

Isabel remeteu-se ao silêncio.

— Agora perdi-me e tenho de voltar uma linha para trás — rezingou Jaime, antes de continuar:

«Violante estava zangada comigo, morreu de costas voltadas, acusando-me de favorecer o filho de outra mulher acima do seu e

voltava agora para mo recordar. Dizia-me que era preciso fazer as pazes com Pedro, queria que fosse a Saragoça, que acorresse à Aljafería, insistia que tinha uma missão para cumprir.

Acordei agitado e gritei aos meus criados que partíamos mal o dia clareasse.

Que dura e longa foi a viagem, um frio de rachar, que nenhum capote conseguia impedir de morder os ossos, deitados sobre o pescoço dos cavalos que escorregavam nos caminhos gelados. À noite, recolhíamos-nos aos mosteiros ou montávamos a tenda para nos abrigar, e quando ao décimo dia chegámos à cidade onde os reis de Aragão são coroados, o rio Ebro corria com tanta força que galgara as margens e a neve cobria as muralhas do paço.

À vista do estandarte do rei, os guardas desceram a ponte levadiça e as chamarelas tocaram a rebate.

Quando entrei ouvi o choro de um recém-nascido e soube que era a graça de Deus que me trazia naquele dia àquele lugar.»

— E era eu? — interrompeu Isabel, incapaz de sustentar a curiosidade.

— E eras tu — concordou o avô, alisando com as mãos as folhas, as centenas de folhas, que já estavam escritas e pousando-as na tampa de um pequeno cofre.

— Quando o avô me viu pela primeira vez ainda estava dentro daquela película com que nasci?

Jaime acenou que não, uma expressão de gravidade no rosto.

— O teu pai e eu esperámos na antecâmara por notícias, mas ouvimos o espanto do médico, os gritos das parteiras. Nascestes sem romper o saco sagrado onde os bebés estão guardados do mundo. Estavas nas mãos do médico, mas simultaneamente numa realidade só tua, mais pura do que a nossa...

— Tinha medo de sair? — perguntou Isabel.

— Medo? Nunca tiveste medo de nada. Sei que Frei Francisco, o confessor da tua mãe, viu logo ali um sinal de que eras única e a tua mãe guardou aquela pele translúcida numa caixa de prata.

A princesa agitou-se e o avô atalhou a conversa:

— É claro que eras única, eras a minha primeira neta, e estava ali para te ver batizar como Isabel. Aliás, a tua avó nunca aceitaria outro nome, nem tinha eu ido tão longe para desobedecer à sua vontade. E agora salta daí, tenho mais que fazer...

— Mas espere, avô, espere...

— Não espero nada!

— Mas quero saber...

— Não há mais nada que saber. Foste batizada na Sé de Saragoça e depois peguei em ti e trouxe-te comigo. Para cresceres em minha casa.

Por alguma razão que desconheço, Violante achou que devíamos ficar juntos. Não é o que te conta Berengária?

— Não — respondeu Isabel com a sua desconcertante franqueza.

— Ela diz que o rei caminhava para os setenta anos e viu em mim companhia para a velhice.

Jaime não sabia se havia de rir ou de se enfurecer:

— Tem direito à opinião dela — comentou, magnânimo.

— E a minha mãe?

— A tua mãe não protestou nem chorou. Beijou-te na testa e fez-te no peito o sinal da cruz, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Não teve medo do que te podia acontecer, nem temeu pela tua vida. Sabia bem que o Diabo não se chegaria perto de ti, abençoada no nascimento, protegida pela santidade da tua tia Isabel e ao cuidado do rei. Trouxe-te enfaixada ao peito, a cabecinha tapada por um chapelinho de lã, o rosto coberto com um lenço quente, deixando de fora apenas os olhos, já tão despertos para tudo, e estiveste sossegada todos aqueles dias, aconchegada pelo meu manto de pelo de urso, aquele de que ainda hoje tanto gostas.

— Mas o meu irmão Jaime chorou, não chorou, quando me viu partir?

O rei soltou uma gargalhada:

— Já sabes a história toda de cor. Sim, o teu irmão Jaime chorou como um vitelo desmamado. Não tinha mais de quatro anos, mas agarrou-se ao meu casaco e pontapeou-me como se fosse um homem grande.

Isabel perguntou muito séria:

— Queria que ficasse com ele?

— Queria que ficasses com ele. Ou então queria vir ele, já não me lembro bem.

— E porque é que o avô não o trouxe? Tem o seu nome, avô.

Jaime pousou a cabeça na mão, subitamente sério:

— Porque é um homem. Porque é um infante da Casa de Aragão.

— Mas não vai ser rei, o rei será o Afonso. Jaime podia ter vindo — insistiu Isabel.

— Isso não sabemos, Rosinha. Isso não sabemos. Os caminhos de Deus são insondáveis, não conhecemos o destino que Deus lhe reserva.

Isabel olhou-o assustada:

— Afonso pode morrer? Como o tio Afonso, que ia ser rei e morreu de umas febres? — perguntou preocupada. Gostava do irmão mais velho, não o via com frequência, mas quando vinha à corte do avô sentava-se ao seu lado e perguntava-lhe se estava bem. E também se ajoelhava ao seu lado na capela. E isso contava.

Uma sombra escureceu os olhos de Jaime:

— Talvez tenham sido os meus pecados, Rosinha, que levaram à morte do meu querido filho, da minha querida mulher.

Isabel hesitou. Quantas vezes lhe tinham dito que não podia falar ao avô do tempo em que estivera louco. Louco, dizia Berengária, em consequência de uma seta sarracena que lhe trespassara a cabeça na conquista de Valência e que ele próprio arrancara no campo de batalha. Ensandecera e pecara muitas vezes contra a mulher, tendo filhos de damas da corte sem vergonha, algumas até casadas, que se deitavam com o rei para dele terem um filho que lhes garantia poder e riquezas.

— Estás muito calada, Isabel — notou o rei. Agora era ele que se afligia: será que as más-línguas da corte já tinham chegado aos ouvidos da neta? Mas não estava habituado a conter-se. E não se conteve. — O que é que te contaram? — perguntou.

Isabel fitou-o a direito e Jaime sentiu um aperto no coração, daria tudo para não a desiludir, mas o que estava feito, estava feito, pensou com impaciência.

— Disseram-me que o avô ficou louco. Por causa de uma seta. E que, até um médico judeu o ter curado, pecou contra a avó Violante, e que ela fez o rei pagar os pecados, obrigando-o a escrever um testamento em que tirava dois reinos ao primogénito, tido com a sua primeira mulher, para os dar ao meu pai e ao meu tio. — Aproveitando a estupefação do rei, continuou: — Disseram-me que os nobres, ao verem o reino dividido em três, enfureceram-se e disseram: «Como vamos nós servir três reis!»

Jaime levou a mão à cicatriz que o cabelo escondia e respondeu pou-sadamente:

— Ouviste bem, Rosinha. A avó Violante não perdia uma oportunidade de defender os filhos, vais ver como é assim quando um dia fores mãe. Pior ainda quando se sentem traídas e magoadas. Uma dessas cuvilheiras que cospe veneno de cada vez que abre a boca fez-lhe saber do nascimento de Fernando Sanches, que é da exata idade do teu pai...

Isabel anuiu com um gesto de cabeça. Conhecia e detestava Fernando Sanches.

— Foi quando cortou a língua ao bispo de Girona? — perguntou interessada.

Jaime conteve com dificuldade um sorriso de triunfo:

— E não me arrependo! Um bispo que delata o que lhe foi dito no segredo da confissão, Rosinha? Quiseram excomungar-me, mas fui absolvido. Sacrilégio cometeu ele!

O rosto de Isabel empalideceu. Preparava-se para a primeira confissão, para em breve tomar o corpo e o sangue de Cristo, e não conseguia imaginar pecado maior.

— Rosinha, não me julgues com tanta dureza, que há anos expio os meus pecados. Mas aquilo que a tua avó queria para os filhos já pertencia ao meu filho mais velho, nascido de Leonor de Castela. A raiva com

o nascimento de Fernando foi um pretexto. Mas amava-a muito e fez o que me pediu, dando um reino a cada um dos meus três filhos legítimos. E depois foi aquilo que já sabes: a revolta dos nobres, o protesto, o «não podemos servir três reis...», para esses também todas as desculpas servem.

Isabel baixou os olhos e Jaime mudou de assunto. A sua neta era tão eloquente que dava por si a esquecer-se de que não passava de uma criança. Atalhou:

— Rosinha, devias era estar a brincar lá fora, que o sol não dura muito. Mas Isabel insistiu:

— Mas o avô ainda deu privilégios a essas mulheres e baronias a esses filhos. E depois foram anos e anos de guerras. E depois morreu Afonso e julgou-se que ficava tudo sossegado porque era só a dividir pelo meu pai e pelo tio Jaime, mas também eles não se entendem, e entretanto como havia mais filhos...

As gargalhadas do avô silenciaram-na, perplexa.

— Neta minha, estou eu aqui a ditar um *Livro dos Feitos* para glorificar a minha memória e uma pirralha estraga tudo! Agora é que já chega, volta para os teus aposentos que não tarda nada aparece aí a Berengária de espada em riste. E já percebi que tenho todas as razões para a temer.



O ruído da porta a rodar sobre os gonzos levou o rei a olhar para quem se atrevia a entrar sem bater, mas a cara do seu mordomo-mor suspendeu-lhe a ira:

— O que é que aconteceu agora? — perguntou.

— O seu filho, o infante D. Pedro, pede autorização para prender Fernando Sanches.

Jaime abriu os olhos de irritação:

— Não nos falamos há tanto tempo e agora manda recado a pedir licença para prender o seu meio-irmão? Quantos filhos tens tu, Pedro Coronel? Os meus só me têm dado dores de cabeça. Herdei um reino pobre e pequeno, engrandeci-o à força da minha espada, e agora a cada dia sofro porque lhes procurei deixar uma herança maior do que aquela que recebi?

Pedro Coronel servia o rei há demasiado tempo para se comover com estas suas lamúrias em que ora se dava como vítima ora como culpado e nem tentou contrariá-lo. Ficou em silêncio, ciente de que o pior estava para vir.

— E que justificação alega agora Pedro para atacar Fernando?

— Diz que está seguro de que pactuou com Carlos de Anjou e o rei francês.

Jaime enfureceu-se:

— Com Carlos de Anjou e com o meu genro Filipe? Só se Fernando tivesse ensandecido completamente é que se iria unir ao homem que tomou a Sicília à família de Constança. Há cinco anos que oiço variantes dessa história, Coronel. Será que o meu filho Pedro se esqueceu de que foi por causa dela que nos zangámos? Que é por causa desta inimizade doentia que se mudou para Saragoça, onde a sua corte rivaliza com a minha?

O conselheiro franziu o sobrolho, dividido. É verdade que a inimizade vinha de longe, mas ultimamente Fernando Sanches reivindicava ao rei mais terras a norte, protegido por um número crescente de nobres despeitados pelo príncipe herdeiro. Pedro, que agia já como dono de tudo, exceto do reino de Maiorca, tinha certamente consciência de que havia muitos que se alegrariam se lhe acontecesse alguma coisa... e não perdia uma oportunidade de vir alegar uma traição. E, contudo, pensou o mordomo do rei, Sanches era de facto uma criatura insuportável, cheio de si, com a vaidade inflacionada por uma mãe cuja ambição não conhecia limites. Quem podia garantir que não se deixara seduzir pelos franceses, se lhe tivessem prometido em troca o trono?

— Senhor D. Jaime, não nos podemos esquecer de que D. Pedro e D. Constança não desistiram de reconquistar o reino da Sicília, usurpado por Anjou — disse.

O rei continuou o pensamento do conselheiro:

— E que nas Cortes de Barcelona e Saragoça vivem exilados centenas de sicilianos fugidos da sua terra, para não falar nos barcos usados na cruzada a Jerusalém que descansam nos estaleiros, a que se juntam muitos outros em construção...

O assunto parecia decidido, mas subitamente Jaime mudou de ideias: Fernando era um filho muito amado e não queria, não podia acreditar que também ele estivesse pronto a traí-lo.

— Vamos com calma, Pedro pode muito bem ter arquitetado esta história para nos levar a acreditar nela. Coronel, o que mais disse o emissário, porque vejo pela tua cara que só me contaste metade.

— Diz que o senhor D. Fernando contratou um criado para o envenenar — acrescentou o mordomo-mor, no tom mais monocórdico que conseguiu.

Jaime deu um salto, o rosto tingido pela cólera:

— Valha-nos a senhora de Puig. Onde é que está esse criado? Nas masmorras do paço? O homem confessou? Quero interrogá-lo eu próprio.

Coronel apertou uma mão contra a outra, num gesto nervoso:

— O emissário diz que o homem morreu nos calabouços da Aljafería.

— Que conveniente! — explodiu o rei, irritado.

— Para sermos justos, dá jeito tanto a um como ao outro — corrigiu o mordomo.

Jaime voltou a sentar-se:

— De facto! Manda-me chamar Fernando Sanches. E Pedro que venha também. Vamos ver o que têm a dizer quando estiverem os dois frente a frente perante mim.

Palácio Real de Barcelona, junho de 1275

Isabel olhou fixamente o pai, o corpo tenso como uma corda numa cítara, e sem expressão deixou que a beijasse em cada face. Parecia-lhe mais alto do que o avô, a cara larga e tisonada pelo sol, a cabeleira de um castanho de carvalho, farta. Não se lembrava de alguma vez o ter visto, embora Berengária garantisse que a visitara por várias vezes quando era pequenina. Mas agora porque estava aqui, na corte do avô, com quem estava de relações cortadas? É claro que não vinha cortar a garganta ao rei de Aragão, como no outro dia fingira acreditar, mas ouvira as damas dizer que Pedro só tornaria a Barcelona quando o rei estivesse às portas da morte.

Mordeu o lábio com força e perguntou:

— Porque é que veio?

Pedro sorriu-lhe:

— Já me tinham dito que não tinhas papas na língua. Ainda bem, porque não gosto de crianças dissimuladas. Queres saber porque estou aqui?

Isabel concordou com um gesto de cabeça.

— Vim porque preciso de falar com o rei. E é mesmo isso que vou agora fazer — concluiu, beijando-a desta vez na testa. E acompanhado por dois cavaleiros saiu de novo da sala.

Isabel, espantada, viu-o partir.



Berengária insistiu que se deitasse, porque tremia como se fosse um dia de inverno. E um daqueles dias muito frios. Resmungava enquanto lhe despiu a túnica e vestia uma camisa de dormir de algodão mais quente.

— Já pedi ao doutor Salá que venha depressa, mas diga-me, menina, o que é que aconteceu? Não achei coisa boa o seu pai aparecer sem avisar, mas que sei eu dos caprichos destes senhores que mandam no mundo, valha-nos Santa Eulália.

— Gritaram muito, Berengária. A voz do avô ouvia-se no meu quarto. Depois chegou o tio Fernando Sanches, mas o mordomo do rei levou-o apressadamente para outra câmara. O meu pai diz que ele o tentou matar!

— Jesus! Matar, menina, que disparate, agora tentou lá matar o senhor D. Pedro — disse a pobre ama, benzendo-se.

— Depois ouvi o meu pai sair, descer as escadas a correr e saltar para o cavalo que um dos criados segurava pela rédea. Nem o deixou repousar na cocheira, sabia que a visita ia ser curta.

Berengária procurou na expressão da sua menina algum sinal de mágoa, por nem sequer se ter despedido dela, mas só viu preocupação.

— Depois foi a vez de Fernando enfrentar o rei. Ninguém gritou. Percebi que falava mansamente e que jurava que tudo não passava de uma cabala do meio-irmão para o afastar do caminho. Mas, Berengária, um bastardo não está no caminho do filho de um rei. A não ser que — acrescentou pensativa — queira comandar os nobres numa rebelião contra o meu pai.

— Ai, menina, se isso são conversas de criança. O rei é o senhor D. Jaime. — Para depois num desabafo dizer: — Não aguentam esperar até que a terra lhes seja leve? Credo!

— Mas, Berengária, não podem esperar — retorquiu Isabel. — Se for verdade que Carlos de Anjou se quer livrar do meu pai e da minha mãe, se os franceses se preparam para nos roubar terras, oferecendo em contrapartida o trono a Fernando, temos de fazer alguma coisa já.

Berengária sacudiu os ombros, enervada:

— Ai disso já não sei nada, o que sei é que a menina tem de se deitar e beber esta infusão...

Isabel engoliu obedientemente, mas não se calou:

— Vou rezar. Vou rezar, Berengária, porque alguém vai morrer.

Berengária benzeu-se de novo, protestando:

— Eu não digo que esta vinda do seu pai lhe fez mal? A menina não diga uma coisa dessas!

Mas Isabel rezava já uma ave-maria.



Jaime dera o seu consentimento. Lembrara-se de Violante e de como não lhe perdoaria que defendesse um filho de Blanca de Antillón contra as queixas do seu filho mais velho, que não acautelasse os direitos de Pedro e Constança e dos seus netos — da pequenina Isabel que tinha à sua guarda.

Finalmente dera o seu acordo a que Pedro atacasse o castelo de Antillón, onde lhe tinham jurado que Fernando Sanches reunia forças para se unir a Anjou. Fingira acreditar e dera uma única ordem: «Que filho meu não toque em filho meu!» E agora esperava. Queria acreditar que lhe obedeceriam. Agora, de joelhos em frente à cruz, aguardava...